

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO  
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES  
CURSO DE PEDAGOGIA

**A relação entre afetividade e aprendizagem no processo escolar**

GOIÂNIA  
2021

CAROLINE FLORENTINO DE SOUSA

## **A relação entre afetividade e aprendizagem no processo escolar**

Monografia elaborada para fins de avaliação parcial do Curso graduação em Pedagogia da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, para obtenção do título de pedagogo, no segundo semestre de 2021.

Professora Orientadora: Raquia Rabelo Rogeri

GOIÂNIA  
2021

CAROLINE FLORENTINO DE SOUSA

## **A relação entre afetividade e aprendizagem no processo escolar**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao departamento do Curso de Pedagogia, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como parte dos requisitos para a obtenção da graduação do título de Pedagoga

**Professora Orientadora:** Raquia Rabelo Rogeri

---

Ma.Raquia Rabelo Rogeri  
Professora Orientadora  
Conteúdo: (até 7,0) \_\_\_\_\_( )  
Apresentação Oral (até 3,0) \_\_\_\_\_( )

---

Ma. Marcia Helena Santos Curado  
Professora Convidada  
Conteúdo: (até 7,0) \_\_\_\_\_( )  
Apresentação Oral (até 3,0) \_\_\_\_\_( )

Goiânia, 11/12/2021

## DEDICATÓRIA

Expresso toda minha gratidão primeiramente a Deus, pois diante das forças que me foram dadas é que consegui chegar até aqui. E a professora Raquia agradeço com profunda admiração pelo vosso profissionalismo, a tornei como inspiração para minha caminhada.

## AGRADECIMENTO

Meus agradecimentos começa sendo pela Escola Espírita Allan Kardec no qual trabalho hoje, pois foi lá que descobri o que eu realmente queria para minha vida, comecei a trabalhar aos meus 16 anos como jovem aprendiz e fui encaminhada para esta instituição como auxiliar, ao concluir com meu contrato, a escola me deu a oportunidade de permanecer me efetivando e desde então pela minha dedicação ao emprego venho aprendendo cada vez mais, foi onde me deram muitos ensejos e me fez olhar diferente para a educação, amadurecendo e crescendo profissionalmente. E assim descobri o meu lugar. Agradeço a minha família, minha mãe Idonilde e meus irmãos Raquel e Cleberson que celebraram pela conquista de entrar em uma Universidade, mais especificamente na PUC, porque sempre foi meu sonho entrar para esta faculdade e sempre dizia a Deus que eu iria conseguir se fosse de sua vontade, hoje estou aqui. Celebramos mais ainda porque fui a primeira de nossa família a ingressar em um ensino superior.

Agradeço também ao meu marido Victor e minha melhor amiga Daniela que desde o inicio me deram todo o apoio e nos momentos de dificuldade não me deixaram desistir, a Dani sempre fez questão de me colocar lá em cima e com suas palavras de carinho me fez acreditar que sou a melhor e sempre serei. Aos amigos que conheci durante esses quatro anos, porque demos as mãos e motivação para permanecermos firmes, e por fim a minha professora orientadora Raquia, a Marcia que aceitou fazer parte desta banca e a todos os professores que fizeram parte do meu aprendizado, sou grata por todo o conhecimento que fora compartilhado para o meu desenvolvimento.

Agradeço a todas as dificuldades que enfrentei; porque se não fosse por elas, eu não teria saído do lugar. As facilidades nos impedem de caminhar e mesmo as críticas nos auxiliam muito. A quem desacreditou da minha potencialidade, obrigada, isso me tornou mais forte!

Não há educação sem amor. O amor implica luta contra o egoísmo. Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar. Não há educação imposta, como não há amor imposto. Quem não ama não compreende o próximo, não o respeita.

Paulo Freire

# **A relação entre afetividade e aprendizagem no processo escolar**

**Caroline Florentino de Sousa**

## **Resumo**

Este trabalho monográfico é o resultado de uma pesquisa bibliográfica que abordará a importância da afetividade no processo de ensino aprendizagem. O estudo analisa as principais concepções sobre afetividade, a importância da aquisição da linguagem e sua influência no processo educativo, a afetividade e inteligência para Piaget e Vygotsky. A monografia coloca como cerne da discussão as concepções de Wallon acerca da afetividade, a partir da leitura de autores que falam sobre ele: GALVÃO (1998), ALMEIDA (1997), LA TAILLE (2002), MAHONEY (2005), BEZERRA (2006), GUEDES, (2007), BAÇO (2000), PESSOA (2000) e NETO (2012). Com as leituras teóricas compreende-se que a afetividade está presente desde as primeiras manifestações da existência humana e auxilia o professor não só a resolver e compreender os conflitos em sala de aula, mas a compreender a criança como uma pessoa completa, em seus aspectos físicos, cognitivos, sociais e afetivos, colocando-o como sujeito ativo no processo de aprendizagem. Tal consideração é construída a partir da valorização que Wallon dá a emoção como origem da consciência, sendo que o meio é outro elemento importante no processo de aprendizagem, pois é pela socialização e pela convivência com o outro que o ser humano se desenvolve. Wallon ainda ressalta que os processos cognitivos são desenvolvidos pelas interações sociais, por meio das experiências. Essa constatação nos aponta que o desenvolvimento cognitivo não é linear, existindo mudanças e conflitos (GALVÃO, 1998). Portanto, a afetividade torna-se relevante por ser aspecto mediador para o desenvolvimento cognitivo, tornando o processo de ensino e aprendizagem facilitador que contemple as relações afetivas e intelectuais do indivíduo.

**Palavras chaves:** Afetividade, Linguagem, Ensino Aprendizagem.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO I.....</b>	<b>11</b>
<b>Afetividade e aprendizagem: diferentes olhares .....</b>	<b>11</b>
1.1 Algumas definições de afetividade na perspectiva de Piaget e Vygotsky .....	11
1.2 O desenvolvimento cognitivo e a aprendizagem a partir de Wallon.....	13
<b>CAPÍTULO II .....</b>	<b>18</b>
<b>A afetividade e a Escola .....</b>	<b>18</b>
2.1 Pensamento, Linguagem e Conhecimento .....	18
2.2 A afetividade como recurso mediador da aprendizagem e a relação professor aluno no contexto escolar.....	20
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>23</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>25</b>



## INTRODUÇÃO

A afetividade é um tema pouco discutido diretamente nas escolas, porém, inerente as relações e atividades desenvolvidas dentro das salas de aula. Desta forma, ao pensar sobre a temática, comecei a refletir sobre a seguinte questão: se compreendermos a afetividade como tudo que nos afeta, será que ela influencia o processo de ensino-aprendizagem das crianças? A forma como um professor se relaciona com a criança, a forma como interage ao ensinar, pode contribuir ou dificultar o desenvolvimento dela? A partir do momento que tais dúvidas começaram a me inquietar, comecei a ter interesse em buscar a resposta por via de leituras bibliográficas.

Ao passo que lia, percebi que quando falamos em afetividade, não estamos apenas falando de sentimentos, mas de coisas que nos afetam, e todos são afetados por elementos internos e externos, então afetividade é a capacidade de sermos afetados de forma positiva ou negativa.

A escolha deste tema se deu, como já relatado, no projeto de pesquisa, a partir de observações feitas em sala de aula. A forma como a criança é tratada, escutada ou até mesmo a atenção que necessita, demonstra como ela se sente ou se expressa e por esta razão, surge o interesse em abordar e aprofundar estudos teóricos acerca do tema.

A afetividade se faz importante para o processo de ensino aprendizagem. Compreendendo o impacto e o que de fato significa, pode tornar o processo de ensino aprendizagem menos conflituoso. O educador, sujeito que organiza o processo de ensino, por compreender o impacto da temática e como ela está presente nas diversas etapas de desenvolvimento da criança pode alcançar melhores resultados. É na escola que o sujeito amplia seu desenvolvimento cognitivo conceitual e para conseguir resultados possíveis é importante compreender o papel do afeto no ambiente escolar (GALVÃO, 1998).

Wallon defende o desenvolvimento focado na psicogênese da pessoa completa, ou seja, o sujeito com todos seus campos funcionais sendo levados em consideração: afetividade, motricidade e inteligência. O autor define o desenvolvimento humano em etapas que alternam suas predominâncias, sendo ora cognitivo, ora afetivo. Nas fases ocorrem os conflitos e é em suas transições que ocorre seu processo evolutivo (DANTAS, 1990).

Portanto, esta pesquisa pretende debater a importância da afetividade como aspecto mediador para o desenvolvimento cognitivo, tornando o processo de ensino e aprendizagem facilitador que contemple as relações afetivas e intelectuais do indivíduo.

Este trabalho monográfico está dividido em dois capítulos: o primeiro trata das emoções na perspectiva presencial de três autores: Wallon, Vygotsky e Piaget. Também enfatiza o que cada autor traz nesses aspectos. Discute-se neste primeiro capítulo, o desenvolvimento da criança e a aprendizagem, aborda como a criança desenvolve e que tipo de relações emocionais são necessárias

na sala para corresponder ao crescimento e desenvolvimento da criança. Considera o que Wallon nos aponta como sendo estágios de desenvolvimento e suas especificidades: impulso emocional, sensório-motor, personalismo, categorial e o estágio da adolescência. No Capítulo 2, discute-se a linguagem e o conhecimento da criança, abordando como ocorre o desenvolvimento da linguagem e a importância do contato social para a aprendizagem pessoal, a emoção como um recurso intermediário de aprendizagem e a relação entre professores e alunos na escola. A partir do referencial principal, Wallon à luz da Galvão (1998), percebe-se que os educadores são capazes de lidar com os alunos em fase de conflito. Este capítulo deixa claro que em momentos difíceis, algumas proposições são necessárias para melhor resolver este problema. Utilizamos o texto da Galvão como meio de explicação e debate neste estudo, mostrando que é de suma importância uma relação afetiva estabelecida entre educador e educando para o desempenho cognitivo no processo de ensino aprendizagem no contexto escolar.

## CAPÍTULO I

### Afetividade e aprendizagem: diferentes olhares

Ao longo dos séculos, vários estudos têm direcionado o olhar para a dimensão afetiva do comportamento humano. Grandes estudiosos, como Jean Piaget (1896-1980) e Lev Vygotsky (1896-1934), já atribuíam importância à afetividade no processo evolutivo, mas foi o educador francês Henri Wallon (1879-1962) que se aprofundou na questão, enfatizando a importância desta dimensão para o processo de aprendizagem e desenvolvimento do ser humano.

Wallon, em seus estudos sobre os seres humanos, não aponta a inteligência como sendo o único ou o principal fator responsável pelo desenvolvimento. Antes, ele defende que a vida psíquica dos sujeitos é formada por três dimensões: a afetiva, a cognitiva, a motora. O autor deixa claro que é necessário que tais dimensões atuem de forma integrada e, não, isoladas. Isso nos aponta que, para desenvolver, é necessário levar em consideração a evolução biológica, assim como também, o contexto no qual o sujeito está inserido e a forma como este o afeta. Desta forma, este capítulo centrará esforços em apresentar as definições conceituais acerca de afetividade na perspectiva destes três autores, com ênfase em Wallon.

#### 1.1 Algumas definições de afetividade na perspectiva de Piaget e Vygotsky

A afetividade é a relação mais profunda e complexa de que o ser humano pode participar. Inicia-se antes mesmo do nascimento na vida intrauterina.

A partir dos estudos da teoria piagetiana sobre afetividade e inteligência, entende-se que sem o afeto não haveria o interesse, nem necessidade, nem motivação, e conseqüentemente perguntas ou problemas nunca seriam colocados e não haveria inteligência. A afetividade é uma condição necessária à constituição da inteligência. Para Piaget, o desenvolvimento da inteligência permite, sem dúvida, que a motivação possa ser despertada por um número cada vez maior de objetivos ou situações. Todavia, ao longo desse desenvolvimento, o princípio básico permanece o mesmo: a afetividade é a mola propulsora das ações, e a razão está ao seu serviço.

Sabemos que a afetividade tem um papel importante na construção de desenvolvimento do ser humano e que a partir dela é possível gerar sentimentos e interesses a partir do meio com o qual o indivíduo interage. A partir deste aspecto iremos ver mais a frente se o afeto também está ligado ao intelecto do sujeito e de que maneira isso pode ocorrer.

Para Piaget a afetividade se dá por meio de interações sociais com os outros indivíduos. Pois é por meio dela que ocorre a construção de pensamentos que permite a interação do aluno com o objeto de estudo (NETO, 2012).

O autor diz que afetividade é como uma energia que motiva o ser humano a realizar ações, ou seja, motiva a buscar respostas e ajuda na construção do conhecimento cooperando na sua participação com o professor. Um bebê começa a interagir no seu primeiro ano de vida pois ele começa a exteriorizar aquilo que deseja explorar sendo assim começando a procurar objetos, ter noção de tamanhos e peso, a partir do momento em que a criança mostra interesse em interagir com quem está próximo dele desenvolvendo suas interações afetivas. Neste caso pode-se afirmar que a afetividade não está separada da inteligência. Segundo Piaget, A linguagem permite modificar o comportamento muito da criança em seu aspecto afetivo e intelectual pois ela vai passar a construir novas ações desenvolvendo características mentais para socializar com outros indivíduos e construir seu pensamento (PESSOA, 2000).

Na fase escolar a afetividade também é um papel importante a ser exercida na vida do aluno, Assim como Piaget enfatiza que afetividade e inteligência são inseparáveis embora sejam distintas, visto que o aluno aprende melhor e demonstra interesse em buscar respostas quando há interação mútua entre professor e aluno, é quando o docente trabalha com seus estudantes de forma mediadora. E quando há ausência deste recurso, pode haver frustrações tanto do aluno quanto do professor. Por isso:

Sem afeto então, não há interesse, necessidade e motivação pela aprendizagem, não há também questionamentos, e sem eles, não há desenvolvimento mental. Afetividade e cognição se complementam e uma dá suporte ao desenvolvimento da outra (PESSOA, 2000, p. 102)

O educador precisa ter em mente a importância da afetividade na interação com os seus alunos, esta relação de afeto e cognição pode colaborar para o desenvolvimento social afetivo moral intelectual construindo então maior equilíbrio e estabilidade na vida da criança. (PESSOA, 2000)

Para Jean Piaget, o desenvolvimento do sujeito se dá por meio das ações com o objeto e do estabelecimento da interação com o seu meio. através da apropriação da comunicação, vai haver uma organização que apoia a adaptação, porque um está relacionado ao outro. A criança passa pela adaptação. Esta é dividida em dois mecanismos: a assimilação e acomodação e eles são complementares da organização que está ligado ao processo de desenvolvimento da criança. A adaptação é dividida em dois mecanismos: assimilação e adaptação, que são complementares à organização relacionada ao processo de desenvolvimento infantil (NETO, 2012).

Assimilação: a criança vê algo e assimila ao objeto que tem ou já teve contato. Ao aprender as ideias ligadas à sua realidade, ela assimila tudo o que vê e ouve, transformando ao que já tem conhecimento.

Acomodação: amplia a informação obtida, constrói um novo conhecimento dando início ao processo de aprendizagem abrindo espaço para a transformação de informação.

Jean Piaget defende que o desenvolvimento mental acontece de forma espontânea a partir da interação com outros sujeitos, e este processo ocorre por meio de estágios, e eles são divididos em 4 fases: estágio sensório-motor; estágio pré-operacional; estágio operacional-concreto; estágio das operações formais (LA TAILLE, et all, 1992).

Vygotsky também focou no estudo da afetividade e inteligência e será destacado um pouco de suas ideias quanto a este aspecto e como ele concluiu o afeto no desenvolvimento cognitivo do ser humano (PESSOA, 2000).

É por meio da vivência com a sociedade e nas relações sociais com outros seres humanos que será construído novos conhecimentos e a formação de pensamentos do sujeito, de acordo com Vygotsky o indivíduo não nasce com conteúdo internalizados e isso vai evoluindo de acordo com a sua interação com o meio e a troca de ideias com o professor, pois isso é fundamental para que a criança construa seu próprio pensamento. A vivência no cotidiano do aluno é essencial para que suas experiências seja um mecanismo para auxiliar em sua formação intelectual.

Se faz necessário a interação entre professor-aluno, pois o sujeito aprenderá de forma com que a troca de ideia entre os dois, as dúvidas a respeito de determinado assunto resultem de um conhecimento prévio a um conhecimento mais avançado e internalizado pela criança. Essa abordagem de ideias traz um aspecto importante para dentro de sala, a afetividade, que para o autor o afeto e intelecto estão interligados entre si, pois o aluno vai obter certos resultados de acordo com o sentimento que ele adquire ao conteúdo e/ou professor.

A linguagem é um papel importante na comunicação do indivíduo com o seu meio, onde o principal objeto é a palavra, onde é um símbolo de identificação por meio da interação e possui um significado imutável. É através das palavras que ocorre a relação de pensamento e linguagem, pois a criança dá significado as palavras de acordo com seu nível de desenvolvimento atribuindo um novo significado a elas.

## **1.2 O desenvolvimento cognitivo e a aprendizagem a partir de Wallon**

A teoria do desenvolvimento cognitivo de Wallon é centrada na psicogênese da pessoa como um todo: afetivo, cognitivo e motor. "O ser humano é organicamente social e sua estrutura orgânica supõe a intervenção da cultura para se atualizar" (LA TAILLE, et all, 1992, p.36). Neste sentido, Wallon vê o desenvolvimento da pessoa como uma construção progressiva em que se sucedem fases com predominâncias alternadamente afetivas e cognitivas.

Pode-se, portanto, dizer que os processos cognitivos são desenvolvidos por meio das interações sociais, que são oportunizadas e vivenciadas pelos indivíduos. Por isso, o seu desenvolvimento não acontece de forma linear e contínua, são movimentos que implicam uma integração, que sofre alternância e conflitos.

(...) O desenvolvimento infantil é um processo pontuado por conflitos. Conflitos de origem exógena, quando resultantes dos desencontros entre as ações da criança e o ambiente exterior, estruturado pelos adultos e pela cultura. De natureza endógena, quando gerados pelos efeitos da maturação nervosa. Até que se integrem aos centros responsáveis por seu controle, as funções recentes ficam sujeitas a aparecimentos intermitentes e entregues a exercícios de si mesmas, em atividades desajustadas das circunstâncias exteriores. Isso desorganiza, conturba, as formas de conduta que já tinham atingido certa estabilidade na relação com o meio (GALVÃO, 1998, p. 42).

Para Wallon os conflitos são como propulsores do desenvolvimento (GALVÃO, 1995, p. 42), sendo assim, durante o período de desenvolvimento psíquico da criança pode haver retrocessos do que já foi vivenciado em outra fase da vida ganhando sentidos em sua nova etapa. Isso acontece devido aos desencontros de seu comportamento com o ambiente exterior. O estudioso também destaca que as fases/estágios de desenvolvimento, podem, em momentos ser predominadas pelo aspecto cognitivo, ora predominado pelo aspecto afetivo, chamado de predominância funcional que para Wallon estão ligados conforme a interação da criança com o ambiente, sendo que cada etapa tem a sua particularidade denominados pela sua predominância.

Wallon vê o desenvolvimento da pessoa como uma construção progressiva em que se sucedem fases com predominância alternadamente afetiva e cognitiva. Cada fase tem um colorido próprio, uma unidade solidária, que é dada pelo predomínio de um tipo de atividade. As atividades predominantes correspondem aos recursos que a criança dispõe, no momento, para interagir com o ambiente. (...) (GALVÃO, 1998, p. 43)

As etapas de desenvolvimento são divididas em cinco estágios e cada um possui características que se sobressaem.

A Impulsivo-Emocional (que vai do nascimento até 1 ano) é dado pela emoção, a impulsividade de reagir para receber algo em troca, exploração do corpo, demonstrações de padrões emocionais. A criança em seu primeiro ano de vida age desta maneira como forma de interagir com o outro, através de seus gestos, postura, o contato físico ele promove a comunicação com o meio, mediante a sua emoção que não é intencional ele consegue afetar o outro para conseguir algo, pois é assim que irá suprir suas necessidades sendo ainda um ser muito dependente do outro para sua subsistência. Por meio de suas expressões e reações corporais se constitui uma linguagem a partir da emoção que “encontra-se na origem da consciência, operando a passagem do mundo orgânico para o social, do plano fisiológico para o psíquico” (GUEDES, 2007, s/p.) Suas reações são predominantes do aspecto afetivo que as relacionam com o mundo físico. (GALVÃO, 1998, p.43)

O segundo estágio é o Sensório-Motor e Projetivo (até 3 anos) que se dá com o início da construção dos interesses da criança, a exploração de objetos, movimentos no espaço físico como o andar, agarrar, segurar, auxiliada pela fala compondo autonomia, este passa a ser um processo importante na interação da criança com o meio, o cognitivo e a inteligência se constitui com a realidade desenvolvendo a compreensão do mundo exterior. A aquisição da linguagem permite que o pensamento se manifeste através da fala, rompendo com a manifestação motora, a linguagem é essencial para o desenvolvimento psíquico da criança passando a estruturar seu pensamento dado como aspecto cognitivo. (GALVÃO, 1998, p.44)

O terceiro é o Personalismo (3 a 6 anos), é a percepção da criança voltada para si com as pessoas em que vive, ou seja, as interações sociais e seus próprios interesses, a criança já absorve o conhecimento do que quer e o que não quer sendo predominado pelo aspecto afetivo, nesta etapa se desenvolve as habilidades expressivas e motoras. A família tem uma fase fundamental nesse período enquanto ela caminha em direção da autonomia. Também é nessa fase que a criança desenvolve a imitação, eles imitam o modo de ser e de pensar das pessoas com as quais convive particularmente aquelas que lhes despertam admiração como pais e professores. (GALVÃO, 1998, p. 44)

O próximo estágio é o Categorical (6 a 11 anos) que está inserida em uma das leis de Wallon, a predominância funcional, pois está ligada a dimensão intelectual e cognitiva, o pensamento vai avançar do abstrato para o raciocínio simbólico o que vai favorecer a atenção e o raciocínio associativo. Nesta etapa a criança utiliza cada vez mais da inteligência para explorar e conhecer objetos e o mundo físico e social, há grande interesse em explorar situações novas dando margem a sua criatividade. Com o desenvolvimento da inteligência a criança ganha maior capacidade de memorizar as coisas intencionalmente e o controle da atenção. (GALVÃO, 1998)

E, por último, temos a Adolescência (11 anos em diante) que passa por novas definições. É o processo de mudanças biológicas, morais e intelectuais, reconstruindo o seu conhecimento afetivo e cognitivo, a criança passa por modificações corporais que são resultados de seus hormônios e este influencia o adolescente a buscar sua nova personalidade, em função disso há uma ruptura do equilíbrio afetivo tentando entender suas inquietações, seus desejos buscando sua identidade, esta fase é de predominância afetiva (GALVÃO, 1998)

Desta forma,

apesar de alternarem a dominância, afetividade e cognição não se mantem como funções exteriores uma à outra. Cada uma, ao reaparecer como atividade predominante num dado estágio, incorpora as conquistas realizadas pela outra, no estágio anterior, construindo-se reciprocamente, num permanente processo de integração e diferenciação (GALVÃO, 1998, p 45).

Embora as emoções e a cognição se alternem, elas não mantem as funções externas uma da outra. Quando cada predominância reaparece como atividade principal em determinada etapa, ela integra as conquistas da outra etapa anterior, e essas conquistas se estabelecem mutuamente. Conforme Galvão,

Para Wallon, a passagem de um a outro estágio não é uma simples ampliação, mas uma reformulação. Com frequência, instala-se, nos momentos de passagem, uma crise que pode afetar visivelmente a conduta da criança. Como já abordado, o desenvolvimento do pensamento infantil não é continua, ele é marcado por descontinuidade, ou seja, crises e conflitos, essa descontinuidade é resultado do amadurecimento do sistema nervoso que traz novas possibilidades orgânicas para o exercício do pensamento e de alterações do meio social que trazem situações novas e estímulos diferenciados (GALVÃO, 1998, p. 41).

Segundo a vertente walloniana, os conflitos são de origem exógena, trazendo uma divergência entre a conduta da criança e o ambiente em que está inserido, neste caso, a cultura em que vive e os adultos, e, endógenas resultantes do amadurecimento do sistema nervoso.

Galvão ainda acrescenta que [...] a cada idade estabelece-se um tipo particular de interações entre o sujeito e seu ambiente. Os aspectos físicos do espaço, as pessoas próximas, a linguagem e os conhecimentos próprios a cada cultura formam o contexto do desenvolvimento (GALVÃO, 1998, p. 39).

Podemos destacar que as interações, o meio social em que a criança está inserida influenciará em seu processo de desenvolvimento e, conseqüentemente, na aprendizagem. A cada etapa que ela progride passará por conflitos de uma atividade para outra alternando as predominâncias funcionais, passando por evoluções cognitivas e descobertas afetivas. Fica claro que para Wallon a criança é essencialmente emocional e, conforme vai se desenvolvendo, constitui-se enquanto ser sócio cognitivo.

Portanto, neste processo é fundamental o convívio social com pessoas diferentes daquelas do seio familiar, já que nessas relações a criança terá um leque maior de oportunidades para lidar com sentimentos diversos (aceitação, vivências em grupo, conflitos, não aceitações entre outras).

Henri Wallon inovou apresentando a afetividade como eixo principal no desenvolvimento humano, ela se define na forma de ser afetado com ações internas e externas e se expressa de três maneiras: emoção, sentimento e paixão:

- A emoção é o que não é possível controlar, é uma manifestação mecânica e acontece de maneira espontânea, (MAHONEY; ALMEIDA, 2005, p. 20) fala que a emoção dá rapidez as respostas, de fugir ou atacar, em que não há tempo para deliberar. É apta para suscitar reflexos condicionados:”
- Sentimento é a representação da sensação, as pessoas já conseguem expressar o que as afetam. De acordo com (MAHONEY; ALMEIDA, 2005, p. 21) “Os sentimentos



podem ser expressos pela mímica e pela linguagem, que multiplicam as tonalidades, as cumplicidades tácitas ou subentendidas;”

- Segundo os autores a Paixão tem como característica o autocontrole em função de um objetivo, muitas vezes caracterizada por ciúmes, exigência e exclusividade. Ela se manifesta quando o indivíduo domina o medo.

Para Wallon, a emoção é a forma mais expressiva da afetividade. Se uma criança é estimulada de maneira positiva ela tem mais probabilidade de aprender e desenvolver-se do que uma criança que é exposta a situações negativas que podem desenvolver emoções de medo, insegurança causando até repulsos quanto a aprendizagem e a escola. Bezerra acrescenta que:

Quando Wallon coloca afetividade em primeiro lugar, é porque é ela, através da emoção que é uma impressão corporal de um estado interno, que faz a comunicação, o intercâmbio entre os indivíduos, e provoca as primeiras representações, figurações e que, adquirem consistência nos movimentos. (BEZERRA, 2006)

É neste sentido que a afetividade se faz importante no processo educativo. A relação entre docente e discente tem um papel fundamental no processo de aprendizagem da criança, principalmente em relação ao vínculo e é através dessa relação que o aprendizado pode ir sendo construído. A escola é um ambiente social com papel significativo na vida da criança. A relação afetividade na educação não se dá por beijos e abraços, até porque não é este o verdadeiro significado dela mas, indo em via paralela, dar escuta, valorizar o que a criança tem a apresentar validando o que ela traz consigo. A relação de afetividade no processo de aprendizagem resulta na oportunidade do indivíduo se expressar, colocar a sua opinião, ter autonomia. Segundo Bezerra, “a aprendizagem ocorre a partir de situações que intercomunicam afetividade com intelectualidade” (BEZERRA, 2006, s/p.). Desta forma, a escola e o professor, aquele que organiza diretamente o processo de ensino aprendizagem, possuem fundamental papel no processo de desenvolvimento afetivo e social da criança. Almeida sintetiza isso ao afirmar que

A escola, tanto quanto a família tem o seu papel no desenvolvimento infantil, e a relação professor aluno, por ser de natureza antagônica, oferece riquíssimas possibilidades de crescimento. Os conflitos que podem surgir dessa relação desigual exercem um importante papel na personalidade da criança (ALMEIDA, 2005, P. 106).

Conclui-se, portanto, a partir do discutido que a relação desenvolvida entre professores e crianças influenciará diretamente no desenvolvimento da aprendizagem, haja vista, como já citado, que é neste espaço social que a aprendizagem adquire “um novo rumo e um desenvolvimento mais complexo de relações socioemocionais” (ALMEIDA, 1999, p. 13).

## CAPÍTULO II

### A afetividade e a Escola

Na educação há um histórico de separação entre o campo afetivo e cognitivo. Embora exista um campo de luta contra tal tendência dualista, como se pode notar no livro da autora Galvão (1998), entre outros, tal dualismo ainda não está totalmente superado. Afeto e cognição ainda têm sido abordados separadamente, como dimensões isoladas no funcionamento psicológico humano.

Compreendendo, a partir dos estudos para este trabalho monográfico que a linguagem tem um papel fundamental na vida dos sujeitos, este próximo subtítulo pretende ressaltar a importância da afetividade no desenvolvimento da linguagem e, portanto, do pensamento e da construção do conhecimento.

#### **2.1 Pensamento, Linguagem e Conhecimento**

Quando a criança nasce, necessita do adulto para sua sobrevivência e para mediar a sua relação com o meio, o que envolve as reações a este, conforme já descrito. Nesse sentido, Vygotsky aponta que a fala/linguagem é o principal mediador na construção das funções psicológicas superiores<sup>1</sup>, uma vez que a linguagem tem duas características fundamentais que são a comunicação e a construção/desenvolvimento do pensamento.

A linguagem estabelece uma função importante no que diz respeito ao contato social. Ela nasce, nos seres humanos, justamente, da necessidade de se comunicar que possuem. A criança, incluída numa sociedade, aprende a utilizar a linguagem observando os sujeitos mais experientes, como forma de expressar seu pensamento e garantir que este seja compreensível ao outro. Desta forma, a linguagem é aprendida como forma garantida de comunicação. Veja, por exemplo, o bebê. Desde bem pequeno ele expressa seus desejos ou até mesmo suas necessidades, mesmo que ainda inconscientemente, a partir do choro, gritos ou gestos. Embora seja ainda uma comunicação não eficiente, já é configurada como meio de contato social.

Compreende-se, em Vygotsky (1993, p.80) a linguagem como sendo o sistema simbólico básico dos humanos. Isso porque a aquisição da linguagem consegue modificar as funções mentais superiores das crianças, dando forma ao pensamento, possibilitando com isso, o aparecimento da

---

<sup>1</sup> Funções psicológicas superiores se referem às experiências que são adquiridas durante a vida do sujeito, considerando este um ser que se relaciona com o mundo, sua cultura, por meio de instrumentos físicos e simbólicos. Assim, controle consciente do comportamento, atenção e lembrança voluntária, memorização ativa, pensamento abstrato, raciocínio dedutivo, capacidade de planejamento, etc., são exemplos destas funções, tipicamente e unicamente humanas, segundo Vygotsky - o precursor da psicologia moderna que considera o aspecto cultural no desenvolvimento físico e psíquico de cada indivíduo (VYGOTSKY, 1993).

imaginação e, portanto, a utilização da imaginação, que possibilita usar a memória e, inclusive, a possibilidade de planejar ações.

Na perspectiva de Wallon, no campo do conhecimento, a linguagem atua como instrumento e suporte indispensável ao progresso do pensamento. Há, portanto, uma relação intrínseca entre pensamento, linguagem e conhecimento. A autora Galvão destaca a importância do desenvolvimento da linguagem para a construção do pensamento infantil, que para Wallon pensamento e linguagem andam juntos em uma relação que a autora cita como recíproca, pois “a linguagem exprime o pensamento, ao mesmo tempo que age como estruturadora do mesmo” (GALVÃO, 1998, p. 76).

Com o desenvolvimento desse aspecto a criança deixa de reagir somente o que é concreto e passa a manifestar atividades que se distanciam do presente, colaborando para pensar no futuro. Ela passa, por exemplo, a ter a capacidade de reagir não apenas ao que se torna concreto diante de si, mas também a pensar, por exemplo, sobre o passado e o futuro. E isso expande a interação da criança com o mundo. A criança cria uma representação mental e o possibilita evocar objetos e circunstâncias que não estão materializadas concretamente na frente da criança.

A linguagem, ao substituir a coisa, oferece à representação mental o meio de evocar objetos ausentes e de confrontá-los entre si. Os objetos e situações concretos passam a ter equivalentes em imagens e símbolos, podendo, assim, ser operados no plano mental de forma cada vez mais desvinculada da experiência pessoal e imediata. (GALVÃO, 1998, p. 77)

Wallon coloca, desta forma, o desenvolvimento infantil numa nova perspectiva, a criança ela passa pelo sincretismo à categorização. O pensamento sincrético é denominado pelo caráter de aparente falta de lógica da criança, quando ao justificar respostas as coisas que vivencia em sua realidade ela não consegue justificar algo sem relacionar a outros objetos para que assim consiga apresentar uma resposta. As crianças têm capacidade de fazer referências com fontes de conhecimento que adquire com suas vivências sejam por experiências contidas em seu cotidiano ou por tradições culturais relacionadas a fábulas, contradições, mitos e tudo é voltado para o pensamento sincrético. A autora traz um exemplo desse aspecto com uma conversa realizada com uma criança de sete anos no qual narra uma história falando que se comunicava com animais por telepatia e foi questionado sobre o que ele sabe sobre telepatia, a criança repetia suas respostas dizendo que a telepatia vai para o cérebro do bicho e ele solta para os outros relatando que os bichos não falam, só pensam pelo cérebro. Galvão fala que essa definição é tautológica, pois o termo “telepatia” é dado pela repetição e ao mesmo tempo fabulatória. (1998, p. 81). Isso ocorre porque o pensamento infantil é global, ou seja, não faz distinção

É no pensamento categorial que a sincretização vai diminuindo e a categorização se intensificando, ou seja, a criança já vai se tornando capaz de organizar e estruturar suas ideias tornando-os reais passando por uma função de diferenciação. Galvão (1998, p.85) ressalta que, “Ao interagir com o conhecimento formal, o pensamento se apropria das diferenciações já feitas pela cultura, as quais contribuem para a realização das diferenciações que devem ser realizadas pelo próprio indivíduo.” A diminuição do pensamento sincrético para intensificação do pensamento categorial é um processo de constante mudança, pois essa passagem de desenvolvimento faz parte do próprio pensamento científico que passa por progressos resultantes dos conflitos, esses conflitos são aspectos que fazem parte da mudança entre os estágios e dos pensamentos passando pela reformulação.

Galvão, nos chama a atenção para a afetividade e incidência do mesmo neste processo de desenvolvimento, quando diz que a criança, conforme vai avançando nesses processos, vai adquirindo relativa independência de fatores corporais, já que “o recurso da fala e das representações mentais faz com que variações nas disposições afetivas possam ser provocadas por situações abstratas e ideias, e possam ser expressas por palavras” (Galvão, 2003, p. 76 *Apud* SERRA 2005, p.37).

Outra consequência que traz o fortalecimento do pensamento e da linguagem é o aumento das possibilidades de controle sobre as próprias manifestações emocionais. É claro que tanto essa tendência de interiorização, como a de seu progressivo controle, são fortemente balizadas pelos parâmetros culturais próprios a cada contexto, e traduzidas num jeito muito singular de expressar e vivenciar as emoções que cada um vai construindo ao longo de sua história pessoal (GALVÃO, 2003, p.76).

É imprescindível afirmar que Wallon, ou até mesmo o próprio Vygotsky, aqui citados, não apontam o pensamento associado a linguagem, como sendo a soma de elementos estanques. Antes, a intrínseca relação existente entre pensamento, linguagem e construção do conhecimento, acontece de maneira complexa.

## **2.2 A afetividade como recurso mediador da aprendizagem e a relação professor aluno no contexto escolar**

Para que se possa garantir resultados quanto a aprendizagem da criança é importante mudanças para o aperfeiçoamento do planejamento pedagógico. Nos momentos de conflito da criança com outro ou até mesmo com um professor, seja irritação, medo, raiva, é necessário o professor compreender esta causa para assim conseguir contornar suas emoções e auxiliar o aluno em suas dificuldades. Quando o docente consegue entender a causa de conflito da criança, ele

consegue dominar suas próprias reações para que não haja perda de controle, Afinal quando o professor compreende as crises que a criança apresenta, age em torno de sua atividade intelectual e opera a fim de reduzir os efeitos deste, assim como Galvão (1998, p.105) afirma, “atuando no plano das condutas voluntárias e racionais, o professor tem mais condições de enxergar as situações com mais objetividade, e então agir de forma mais adequada.”

Galvão, em seu livro, aborda sobre duas polarizações que Wallon critica: excessiva rigidez dos programas, o que inclui autoritarismo dos professores, com seus métodos tradicionais que colocam a criança como sujeito passivo, versus a negação do ensino sistematizado, onde o professor é um sujeito passivo, colocado no lugar de espectador do processo, anulando suas possibilidades de intervenção. Wallon, inclusive, faz comparações desta prática com a pedagogia de Rosseau que acreditava que a sociedade corrompe a bondade do indivíduo e que assim ele teria que ser educado fora desse meio para depois com a personalidade já formada poder inserir-se dentro da sociedade. Tal posicionamento é contrário aos pressupostos de Wallon cujo princípio da interação é fundamental. Pois para ele a interação com o outro é que forma o indivíduo, assim a educação deve atribuir práticas que contemplem o ser humano e a sociedade em formação. O que chama a atenção hoje ainda haver tal disputa entre esses dois polos, que se empenham em atualizar a educação e o ensino para melhorar a prática, mas ainda lutam contra o autoritarismo dominante na concepção tradicional. A prática do autoritarismo e da espontaneidade requer raciocínio dialético para determinar as ações mutuamente benéficas que existem entre os indivíduos e a sociedade. De acordo com Valduga,

Wallon acredita que a priorização da discussão metodológica em detrimento da reflexão social da educação foi outro fator responsável pelo individualismo presente na proposta da escola nova. Para ele, educação tem sempre papel político. Diante disso, elaborou críticas ao sistema francês de ensino, pois aos alunos provenientes das classes favorecidas reservava longa carreira de estudos (ensino superior), enquanto que aos provenientes das classes desfavorecidas impunha curta carreira até o ensino técnico ou profissionalizante. Essa seletividade escondia uma elite que se esforçava por manter como classe dirigente o projeto de uma sociedade capitalista (VALDUGA, PERENINI, SANGOI, 2013, p. 9).

Em muitas escolas, dentro de sala a fase de repetição quando o professor exige o tempo todo que o aluno fique sentado, quieto, calado e sentado por muito tempo, exigindo sua atenção, mas podemos dizer que neste caso o professor ganha mais distração por parte do aluno, pois uma criança não consegue permanecer em um conteúdo por horas numa mesma postura. O que garantirá aprendizagem é fazer mudanças em seu planejamento e não só propor conteúdos científicos, mas também corporais onde o aluno seja sujeito ativo na condição de aprender. Não é sempre e nem o tempo todo estar em movimento, mas é aplicar práticas buscando a atenção e aprimoramento para o desenvolvimento do educando. Desta forma é mais eficaz a interação com discente enxergando suas

dificuldades, buscando soluções para ajudá-lo. Galvão (1998, p.108) diz que “além de propiciar diminuição da impulsividade motora que deflagra os conflitos, a intervenção sobre o fator tempo favorece o desenvolvimento da autodisciplina.” Não existe uma postura determinada que garanta a atenção do aluno em toda a proposta feita pelo professor, isso vai de conformidade ao estímulo dado atividade proposta.

É importante, nesta perspectiva, deixar de lado essa visão tradicional, rompendo com esse padrão de comportamento. Para que a criança possa progredir, por que não usar uma postura mais dinâmica envolvendo movimentos que faça com que a sua atenção esteja voltada para o conteúdo e para o professor? É preciso avaliar meios para distinguir os conflitos que causam essas reações no e possa atribuir a isso um significado positivo. A autora reforça a ideia de que precisamos olhar a criança como ser concreto e corpóreo, uma pessoa completa.

Tendo em vista a importância do educador enxergar o seu aluno com um olhar mais amplo, destacamos a transcendência da afetividade como recurso mediador dentro de sala para aprendizagem do aprendiz buscando manter uma interação mútua entre professor e aluno. Ao longo da história muitos relatos demonstram que o autoritarismo pode ser um recurso de conflitos de emoções causando transtornos cognitivos para a criança podendo acarretar dificuldades em sua aprendizagem.

Essa possibilidade de expressar-se, que o professor promove a criança, possibilita que ela se expresse e, por sua vez, ao fazer isso ela confronta-se com o outro, seja este outro o professor ou as outras crianças. Tal movimento permite que a criança se organize internamente, o que Galvão denomina de autoconstrução. Esse movimento, mais propício de acontecer no ambiente escolar, pode propiciar esse duplo movimento de aquisição e expressão, integrando o objetivo ao subjetivo. A escola, mais precisamente o professor, pode favorecer a construção do conhecimento pela criança, propiciando situações em que ocorra a aproximação do eu e o outro em uma relação de troca de experiência, questionamentos, e abertura para expor suas diferenças, contribuindo então para a construção do conhecimento. Por conseguinte, todas as características relacionadas a interação, atenção, e o cuidado pode proporcionar um bom relacionamento mútuo entre professor e aluno e resultar positivamente no desenvolvimento afetivo e cognitivo da criança, contribuindo também para o crescimento intelectual do professor.

A afetividade, justamente por ser um complexo de tudo que afetará o outro, também envolverá emoções, respeito e, o mais importante, o diálogo, a escuta, o auxílio mútuo, colaborando para uma aprendizagem efetivamente produtiva.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos referenciais teóricos estudados para a escrita deste trabalho monográfico apontam que a afetividade é fundamental no processo de aprendizagem das crianças. Portanto, o professor, enquanto organizador do processo de ensino aprendizagem precisa compreender o que é e, o mais importante, compreender como ela impacta diretamente o processo.

A afetividade, infelizmente, ainda é considerada assunto pouco valorizado ou discutido no meio escolar. O que se percebe na perspectiva de Wallon, via Galvão (1998), é que ela é fundamental na construção da pessoa e do conhecimento.

Wallon foi um educador, médico e psicólogo que, através de suas pesquisas, buscou melhorias para o sistema de educação, baseando-se tanto nas suas experiências como em suas pesquisas. Wallon foi reconhecido em diversos países através de seus vários livros e artigos publicados.

Pensando nisso, este trabalho buscou compreender e responder a seguinte questão: qual a relação entre a afetividade e a aprendizagem no processo escolar?

Contrariando o objetivo da educação tradicional baseada na memorização e na repetição de conhecimentos adquiridos através dos tempos pela humanidade, Wallon faz uma crítica a esse modelo de educação que não priorizava o aluno como centro do ensino.

Ao contrário desta perspectiva tradicional, Wallon destaca a criança como parte do processo educacional, onde o desenvolvimento cognitivo, afetivo e motor se dá em meio a sua socialização com o ambiente no qual está inserida, através do conflito entre o eu e o outro. O pesquisador busca mostrar que a educação precisa compreender a criança no seu sentido completo.

Segundo Galvão (1998), Wallon fez uma pesquisa separando o desenvolvimento da criança em diferentes estágios que são: 1º Estágio, chamado Impulsivo-emocional, ocorre do nascimento até o primeiro ano da criança, quando ela expressa a afetividade por meio de movimentos desordenados. O 2º Estágio é chamado de Sensório-Motor e Projetivo e acontece do primeiro ao terceiro ano, momento em que a criança, já disposta da marcha e da fala, volta-se para o mundo externo, para o contato com exploração de objetos e pessoas de seu meio. O 3º Estágio, chamado de Personalismo, período que compreende do terceiro ao sexto ano, constitui-se na fase da criança se descobrir diferente das outras crianças e do adulto, através da oposição, sedução e imitação. O 4º Estágio, chamado Categorical, ocorre do sexto ao décimo primeiro ano, a criança difere bem o eu e o outro, há condições para a exploração mental do mundo externo e capacidade de abstração. No 5º Estágio, a Puberdade, ocorre a partir do décimo primeiro ano, acontece a exploração de si mesma, busca de identidade autônoma, mediante as atividades de confronto, autoafirmação e questionamentos.

Compreende-se também que as concepções wallonianas ajudam o professor a solucionar e a lidar com os acontecimentos e conflitos de sua rotina, como as situações problema que pode enfrentar em sala de aula, assim como também possibilita repensar o papel da criança no processo de ensino aprendizagem. Percebendo que ele é parte do processo e, para tanto, ao planejar o ambiente precisa perceber que este também interferirá sobre a criança, afetando diretamente sua aprendizagem.

Em Wallon, a afetividade tem lugar de destaque, tanto do ponto de vista da construção da pessoa quanto do conhecimento. No caso, a emoção é a exteriorização da afetividade: é um fato fisiológico que se expressa no humor e nos atos e, ao mesmo tempo, é um comportamento social na sua função de adaptação do ser humano ao seu meio. Os movimentos de expressão evoluem de fisiológicos a afetivos, em que a emoção dá espaço aos sentimentos e, depois, às atividades intelectuais.

Conforme desenvolvido neste trabalho, Wallon contribui de forma significativa para uma educação de qualidade tanto para a educação infantil quanto para outras etapas da educação, como a do ensino fundamental e médio, proporcionando uma educação completa, que prioriza o educando (criança ou aluno), seu aprendizado e desenvolvimento.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, A. R. S. **A emoção e o professor: um estudo à luz da teoria de Henri Wallon.** *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 13, nº 2, p. 239-249, maio/ago. 1997.

BAÇO, Cíntia Maria. **Algumas reflexões sobre o ensino mediado por computadores.** 2000. *Revista Linguagens e cidadania*, ed n 4. Edição eletrônica. Disponível em: < [http://coral.ufsm.br/lec/02\\_00/Cintia-L&C4.htm](http://coral.ufsm.br/lec/02_00/Cintia-L&C4.htm) > acesso em: 23/10/2021

BATALHA, Denise Valduga; MARQUEZAN, Lorena Ines Perenini; ANTUNES, Helenise Sangoi. **Ressignificando as práticas da educação do campo através da afetividade no cotidiano escolar.** Seminário Internacional e Fórum de Educação do Campo – SIFEDOC 2013. Disponível em [https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/373/2019/06/Regional\\_Santa\\_Maria\\_2013-3-3.pdf](https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/373/2019/06/Regional_Santa_Maria_2013-3-3.pdf). Acesso em 12 de agosto de 2021.

BEZERRA, Ricardo José Lima. **Afetividade como condição para a aprendizagem;** Henri Wallon e o desenvolvimento cognitivo da criança a partir da emoção. *Revista Didática Sistemática*. Vol. 4. julho-dezembro 2006.

CAETANO, Leandra A. **A importância da afetividade docente para o desenvolvimento cognitivo do educando das series iniciais do Ensino Fundamental.** Monografia. Universidade Tecnológica do Paraná – UTFPR – Campus Medianeira. Paraná – PR. 2013.

CUNHA, Antônio Eugenio. **Afeto e aprendizagem: relação de amorosidade e saber na prática pedagógica.** Rio de Janeiro: Wak. 2012.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil.** 4º ed. Editora Vozes. Rio de Janeiro: Petrópolis, 1998.

GUEDES, Adriane Ogêda. **A Psicogênese da Pessoa Completa de Henri Wallon: Desenvolvimento da Comunicação Humana nos seus Primórdios.** *Wallon: Revista Gestão Universitária*. p. 1-11. Rio de Janeiro. 2007.

LA TAILLE, Yves de, OLIVEIRA, Marta Kohl de, DANTAS, Heloysa **Piaget, Vygotsky, Wallon – teorias psicogenéticas em discussão.** São Paulo: Summus, 1992.

MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho. **Afetividade e processo de ensino aprendizagem:** Contribuições de Henri Wallon. *Psicologia da educação*, São Paulo, nº 20, p. 11-30. junho 2005.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Técnicas de Pesquisa.* São Paulo: Atlas, 2002.

NETO, Guiseppa B. **Uma breve visão sobre a afetividade nas teorias de Wallon, Vygotsky e Piaget.** Monografia (Graduação em Ciências Biológicas). Centro de Ciências Biológicas e da Saúde. Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, p. 9-23. 2012.

PESSOA, Vilmarise S. **A afetividade sob a ótica Psicanalítica e Piagetiana.** UEPG – Ciências Humanas. Ponta Grossa – PR, p. 97-107. 2000.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.